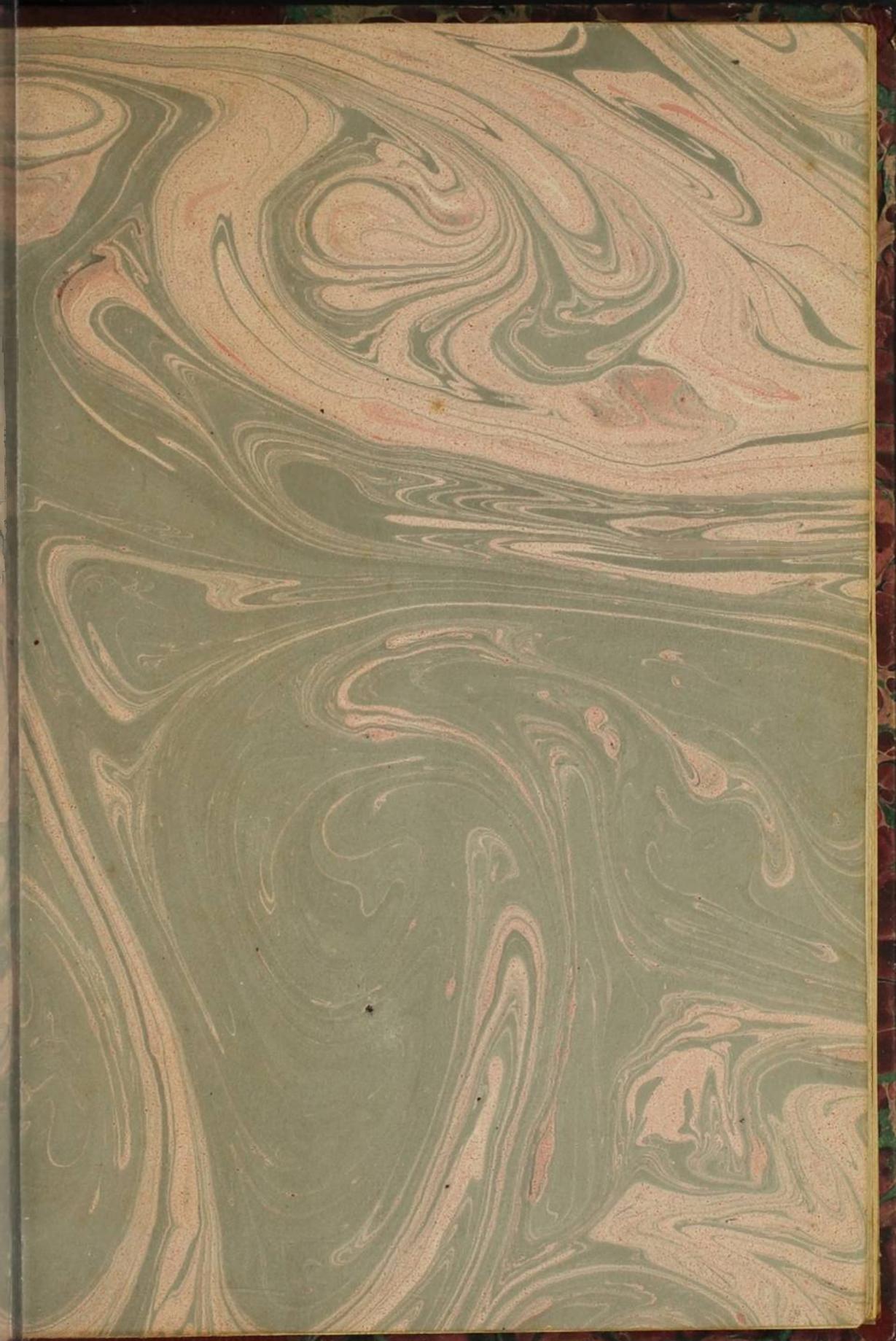


Le ne fay rien
sans
Gayeté

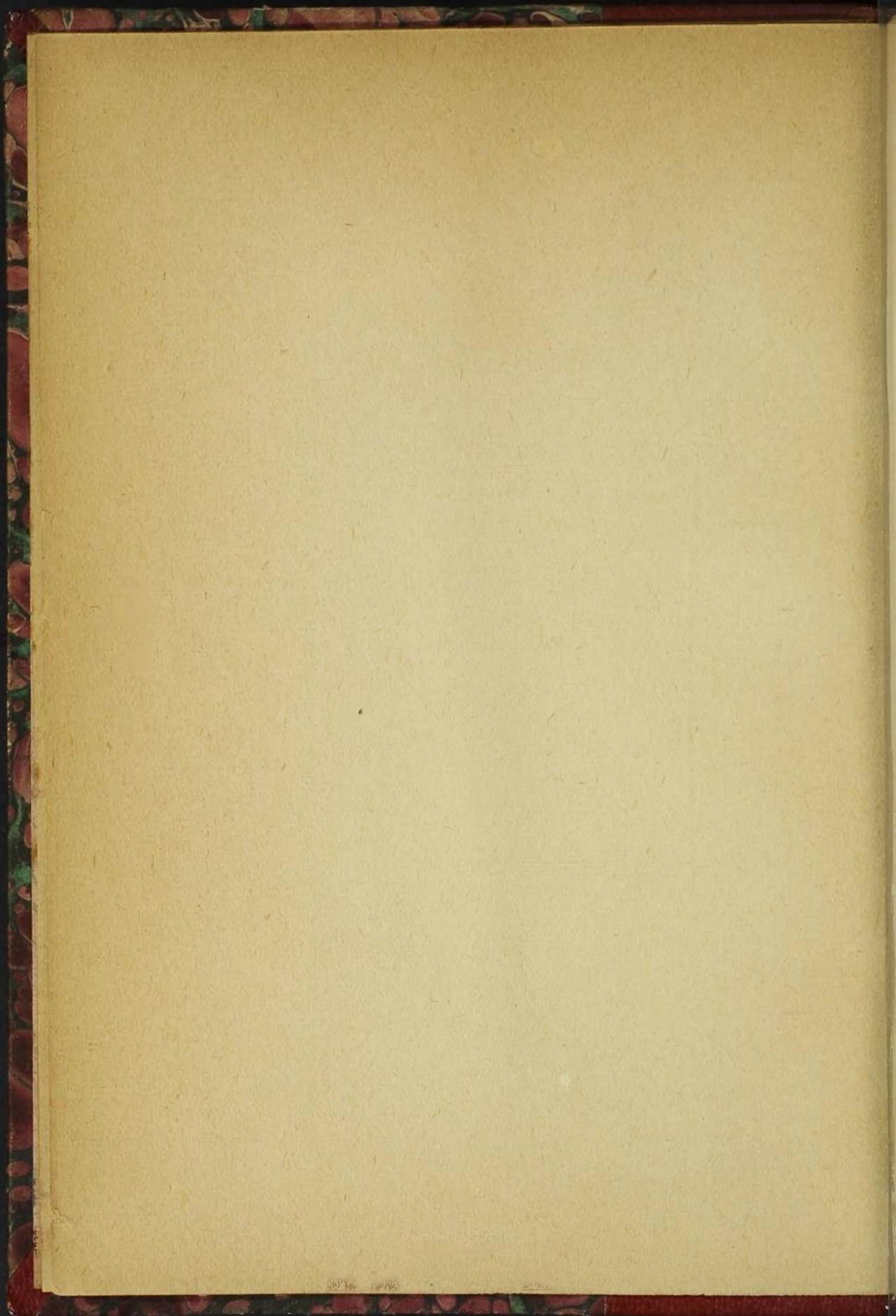
(Montaigne, Des livres)

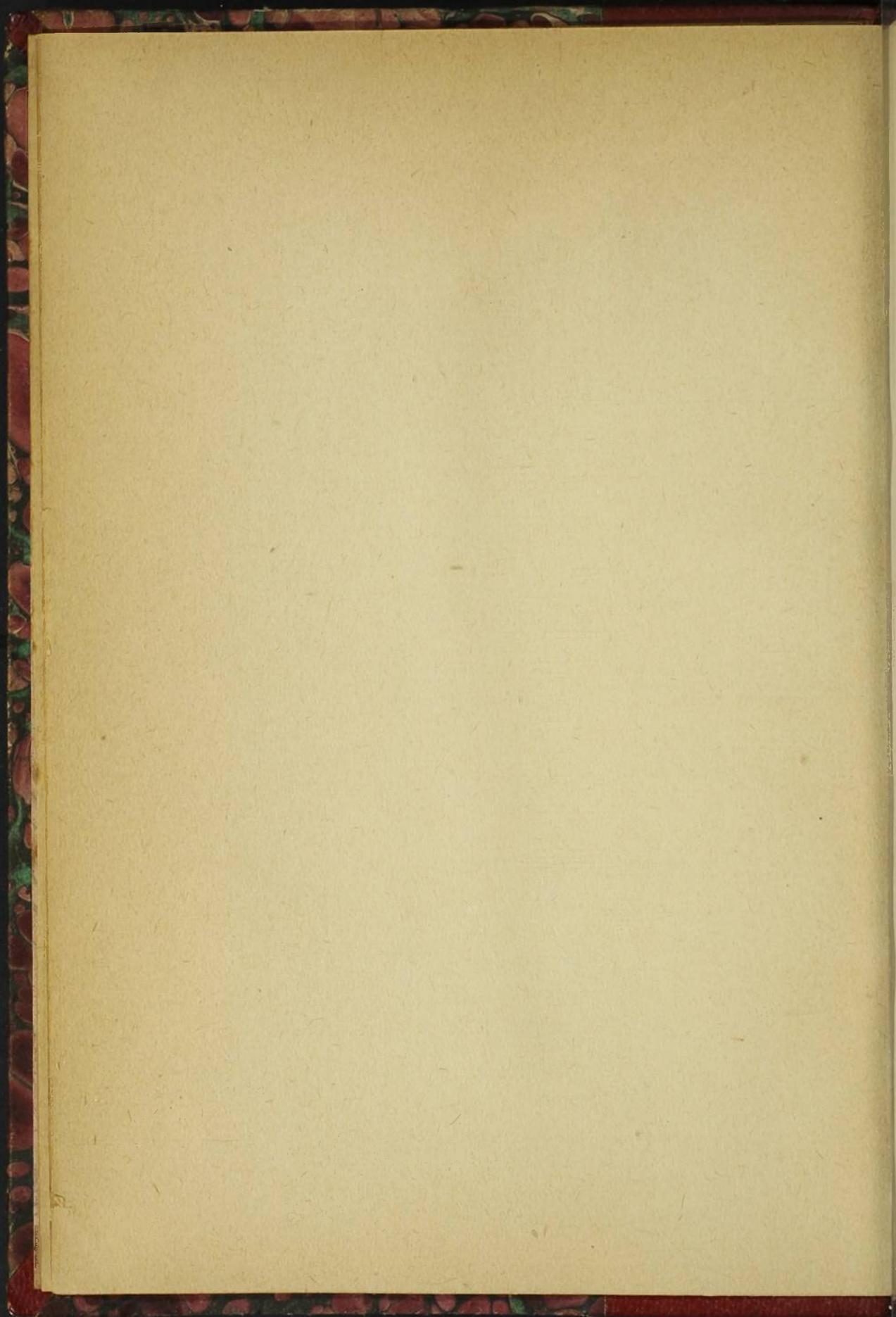
Ex Libris
José Mindlin

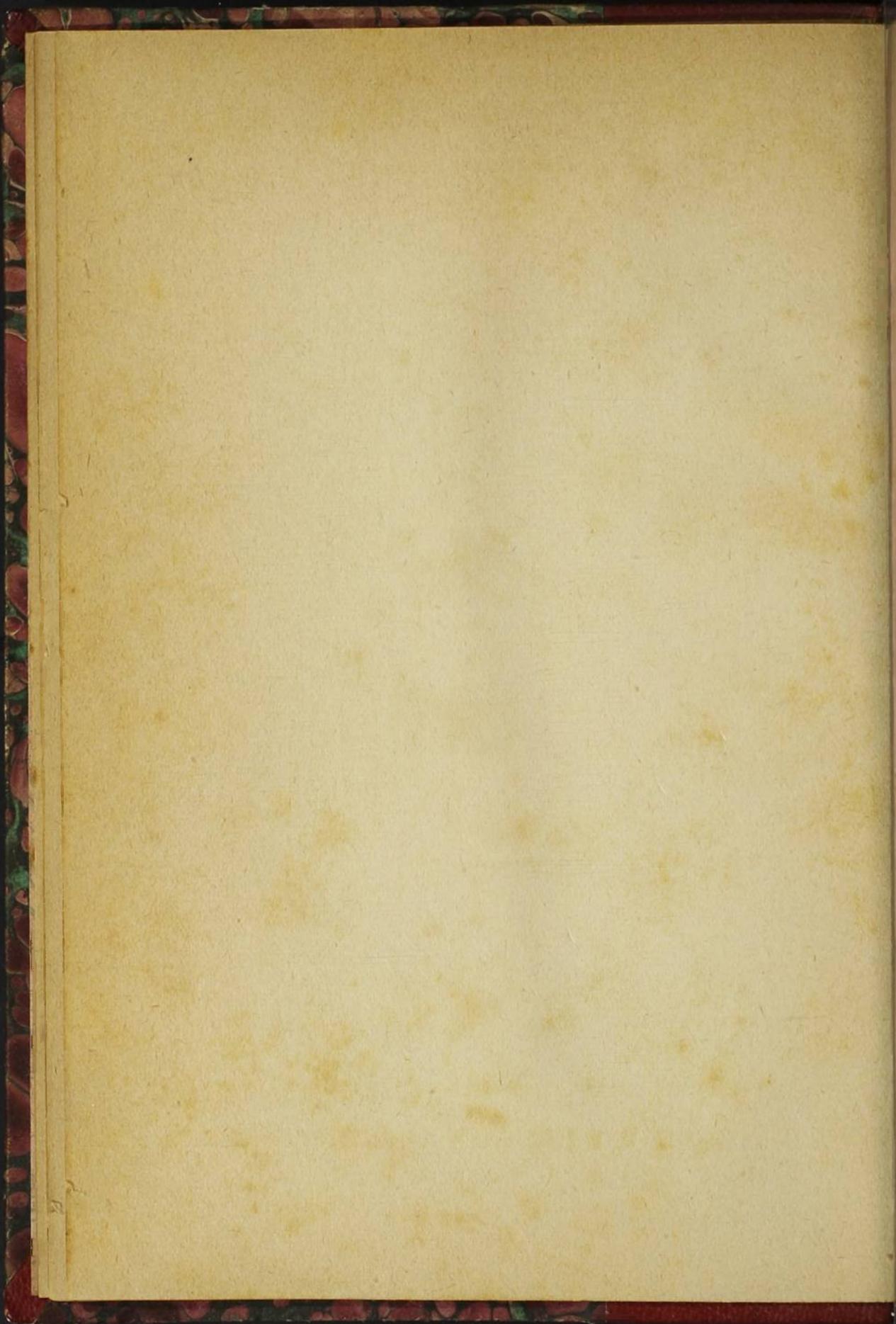


depuis de 1855

In "Catalogo da Exposição
de Hist. do Brazil", 1881
-pg. 1504: lithographia
por Anon. (da off. de
Steinman (?).







O BARÃO DE SCHINDLER

OU

O PHILOSOPHO DO CÃES

RESUSCITADO

FIEL NARRAÇÃO DA VIDA

E

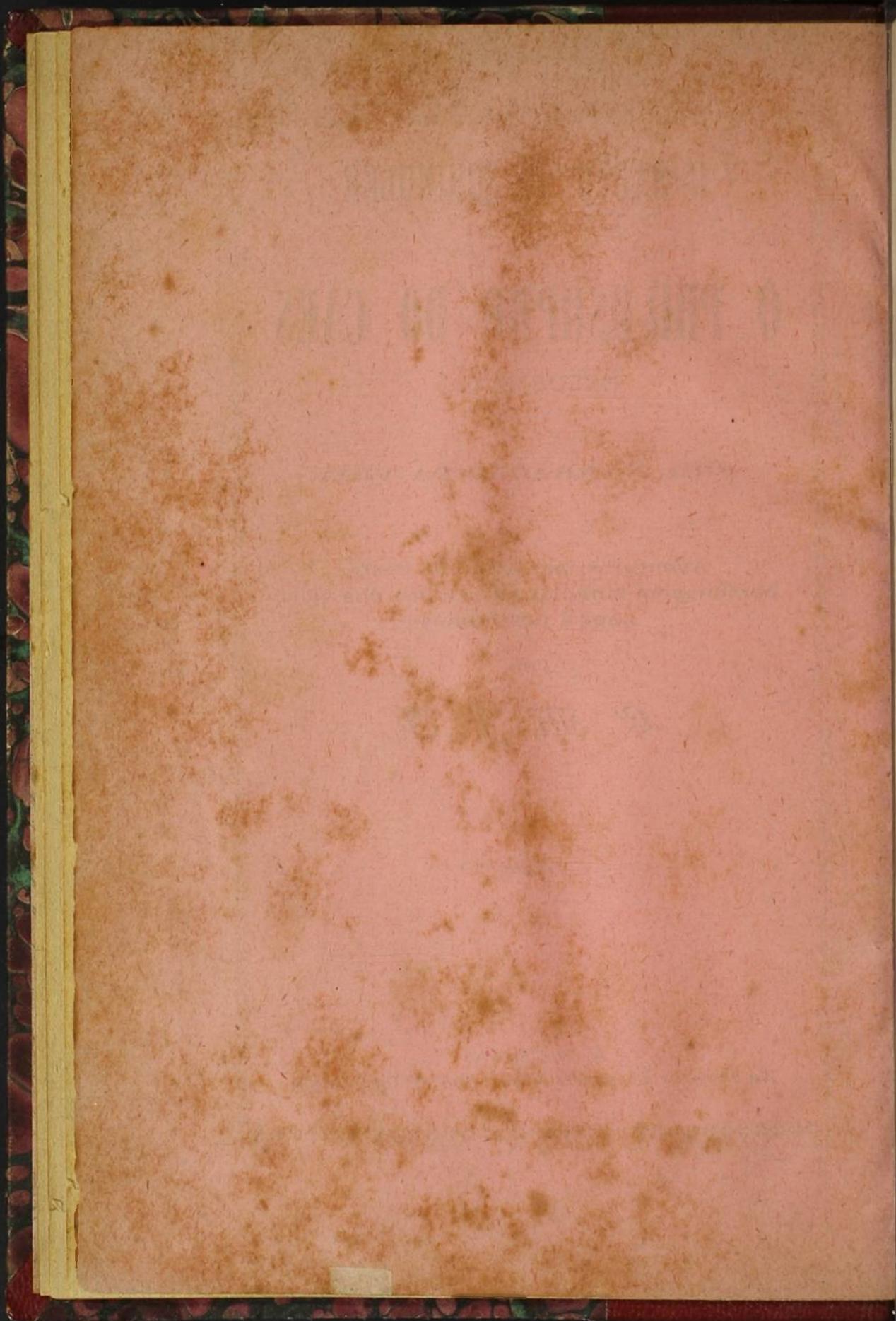
Aventuras maravilhosas deste
personagem singular extrahidas dos seus
papeis posthumos

POR

L. M. J. A.

À VENDA:

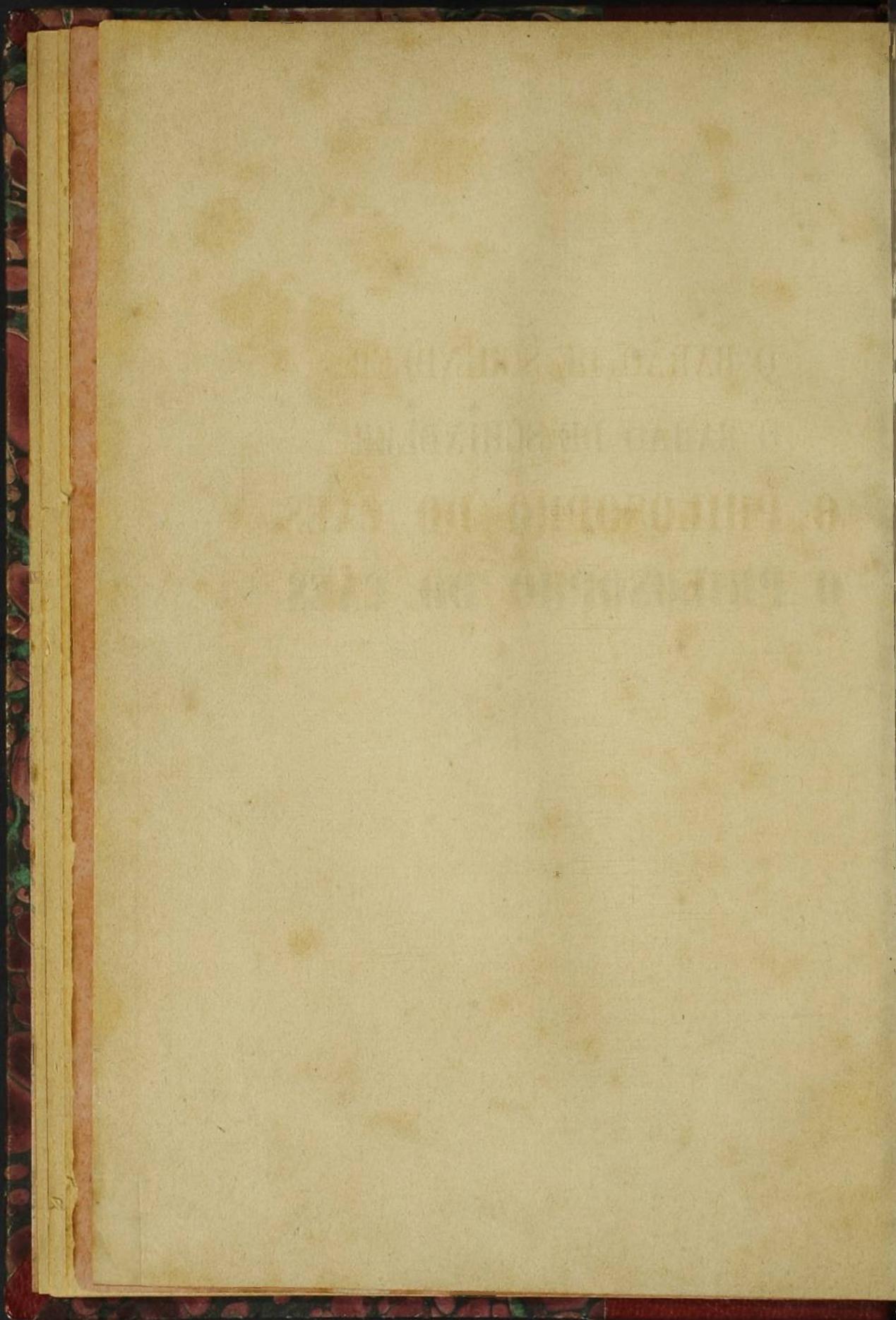
Na livraria Laemmert & C. — Rua do Ouvidor 66



O BARÃO DE SCHINDLER

OU

O PHILOSOPHO DO CÃES





O BARÃO DE SCHINDLER
OU
O PHILOSOPHO DO CÃES
RESUSCITADO

FIEL NARRAÇÃO DA VIDA

E

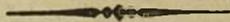
AVENTURAS MARAVILHOSAS DESTE PERSONAGEM SINGULAR

EXTRAHIDAS

DOS SEUS PAPEIS POSTHUMOS

POR

C. M. J. A.



Porto-Alegre

EM CASA DE A. B. STRECCIUS.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1891

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

1891

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PREFACIO

POUCAS pessoas haverá no Rio de Janeiro que não conservem lembrança de um homem alto, magro, de bellos olhos azues, cabellos castanhos, e de physionomia agradavel e sympatica, trazendo de modo extravagante e exquisito, a quem os seus patricios allemães davão o nome de Schindler, e o vulgo caracterisava de *Philosopho do Cães* ou *do Largo do Paço*, por ser este o lugar, onde era quasi sempre

encontrado, ora passeando com gravidade, e como que alheio ao que em volta d'elle se passava, ora sentado e abysmado em profundas meditações, posto que nos ultimos annos de sua vida mudasse sua habitual residencia para os degrãos de uma escada da banda lateral do paço, ou em um banco de pedra junto da antiga entrada da typographia nacional, aonde escrevia a lapis sobre um caderno com incessante assiduidade, apenas de quando interrompida por olhares perscrutadores que dirigia ao céo, d'onde parecia aguardar e receber resposta ás mysteriosas perguntas que lhe endereçava.

Já são decorridos annos que este homem verdadeiramente extraordinario, como adiante se verá, desapareceu da scena do mundo, fallecendo no hospital da Santa Casa da Misericordia.

Logo depois de sua morte muito desejamos

escrever ácerca da sua biographia, mas nada de exacto pudemos colher a respeito della, e por isso, julgando ser impossivel satisfazer a curiosidade publica, que a anhelava conhecer com extrema anciedade, já tínhamos dado de mão a semelhante idéa.

Entretanto, um feliz acaso se nos deparou em nosso auxilio.

Travando um dia conversação com certa pessoa, em cuja casa, durante tempos, estivera hospedado o Philosopho do Cáes, soubemos que deixara lá um bahú velho com roupa usada, e um embrulho cuidadosamente lacrado, sendo que a taes objectos, que estavam cobertos de poeira, e esfarrapados, ninguem prestava a menor attenção.

Lembrando-nos, porém, da solicitude, e, permitta-se nos dizer, *ciume* com que o Philosopho do Paço procurava occultar de quem quer que fosse os seus escriptos, veio-nos na-

turalmente o pensamento de que o referido embrulho poderia conter importantes revelações sobre uma vida tão mysteriosa, e por isso foi indisivel o nosso contentamento, quando o dono da casa no-lo offereceu.

Demo-nos para logo pressa em abri-lo, e examinar os papeis (pois erão papeis o que o embrulho continha); mas, qual não foi o nosso espanto, quando, em vez de caracteres legiveis, achamo-nos em presença de uma myriada de signaes hieroglyphicos, e desenhos das mais indecifreveis e enigmaticas formas?!

Á vista disso, o nosso primeiro pensamento foi que eramos victima da mais completa mystificação, ordida quiçá por algum genio folgasão, que soubesse do interesse que tinhamos pelo Philosopho; todavia, consultando depois, e com vagar a uma pessoa assáz iniciada nos segredos hieroglyphicos, aquelle pensamento esvaeceu-se, dando lugar a que

nossas esperanças renascessem, pois asseverou-nos a dita pessoa que effectivamente todos esses signaes, que se nos antolhavão como indecifreveis, tinhão uma significação.

Disse-nos tambem que o que estava escripto parecia-lhe conter a historia biographica do Philosopho, mas que não podia traduzi-lo, senão em parte, e com improbo trabalho, visto como taes caracteres pertencião a uma sociedade secreta da Baviera, instituida no fim do seculo passado, sob a presidencia e protecção de um dos descendentes do famoso Theophrasto Paracelso; e que bastantemente difficil seria então encontrar alguém que perfeitamente conheesse o sigillo de taes caracteres.

Esta informação, ainda que pouco satisfactoria, já nos poderia orientar, e, pelo menos encheu-nos de grande satisfação, porque deu-nos a certeza de que o celebre embrulho com

todo o seu aparato enigmatico e mysterioso não era uma mystificação.

De posse de semelhante informação, passaram-se para nós mezes, que forão consagrados a uma continuada correspondencia para a Europa, no intuito de encontrar um homem que pudesse conhecer e traduzir os signaes hieroglyphicos. A cada um dos nossos amigos remettemos uma copia exacta da primeira folha em busca de habil decifrador.

Tudo era baldado.

De novo, portanto, começavamos a desesperar, quando felizmente, depois de esperarmos por quinze mezes com a maior impaciencia resposta ás nossas missivas, recebemos carta de um amigo nosso da Baviera, o qual conseguira descobrir n'um velho pastor de uma aldeia a pessoa que nos convinha. Este homem havia pertencido á mesma associação secreta, e se bem não soubesse ler, nem escre-

ver a letra romana e a allemãa sem difficul-
dade, lia comtudo os hieroglyphicos com ad-
miravel facilidade. Mas, tendo-lhe sido im-
posto um juramento, debaixo de condições as
mais austeras, de nada revelar ácerca desses
signaes mysteriosos, do tocante aos interesses
immediatos da sociedade, prometteu tão só-
mente traduzir ao nosso amigo aquillo que
os papeis do Philosopho contivessem relativa-
mente á sua vida particular, reservando-se de-
pois disso, por justa compensação, o direito de
atira-los ás chammas.

Comquanto nos penalisasse profundamente
a impossibilidade de obter uma traducção por
inteiro daquelles papeis, e muito principal-
mente a dura condição, imposta pelo pastor
de finalmente consumir a prezada reliquia do
pobre Philosopho, não deixou de alegrar-nos a
doce esperança de podermos alcançar a sua
biographia.

Portanto, enviamos sem demora todos os papeis ao nosso amigo e correspondente.

No emtanto, porém, succedeu desgraçadamente que o velho pastor adoecesse, tendo muito pouco revelado dos hieroglyphicos. Já começavamos a desesperar pela terceira vez, quando, em fim, tivemos a inefavel felicidade de receber do mesmo nosso amigo uma carta, acompanhada da traducção completa dos referidos papeis e dando-nos ao mesmo tempo a infausta noticia do passamento do velho pastor.

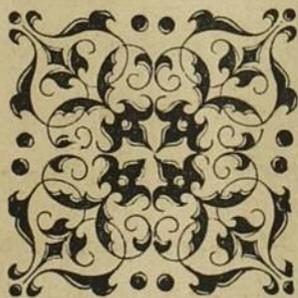
Agora, pois, que estamos de posse dos dados necessarios para biographia se não completa ao menos parcial de um homem tão singular, damo-nos pressa em verter no idioma portuguez aquillo que nos foi transmittido, e que cordialmente offerecemos ao publico.

Declinamos de toda e qualquer pretensão da originalidade deste folheto, uma vez que não fazemos senão publicar aquillo que nos

foi dado, traduzindo fielmente a versão alle-
mãa, dos caracteres traçados pelo Philosopho
do Cães.

Seja qual fôr o juizo do publico a nosso
respeito; seja qual fôr a inflexibilidade com
que venha a ser por elle apreciado o nosso
trabalho, é certo que não nos poderá contes-
tar, que, dando publicidade a uma vida tão
curiosa, e tão cheia de lances tragicos e co-
micos, como seguramente foi a do desventu-
rado Philosopho, constituimo-nos merecedo-
res, se não credores de alguma indulgencia.

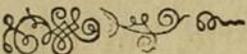
O AUTOR.



O BARÃO DE SCHINDLER
OU
O PHILOSOPHO DO CÃES

CAPITULO I

A prophacia.

 PARA no anno de 1796, em uma dessas noites do mez de Agosto, quando a natureza em Allemanha parece armar-se de todo o furor dos elementos para amedrontar os pobres mortaes.

Após um dia da mais suffocadora calma, ao romper da noite, a atmosphaera se havia de tal maneira carregado de electricidade, que por pouco os habitantes não morrerão á mingoa de respiração.

Medonha trovoadá rebentou, deixando cahir toda a sua funestíssima acção contra um vallezinho situado perto de Culmbach na Baviera, aonde existia a propriedade do barão Anselmo de Schindler, chefe de uma familia antiquíssima, cuja nobreza remontava ao tempo das cruzadas, mas então reduzida á pobreza pelos golpes do uma sorte adversa.

Em consequencia de sua pobreza era o velho barão forçado a viver nessa herdade, unico resto da opulencia dos seus maiores; via-se impossibilitado de ir á côrte, por falta de carruagens e cavalgaduras, e apenas compunha toda a criadagem de sua casa, um velho lacaio, e uma velha cozinheira, que simultaneamente servião de criado e criada grave.

Pouco, porém, se affligia o barão com o espectáculo da extremidade a que se achava reduzido, pois, que, sendo casado, havia 25

annos, não tinha tido um só filho, o que nos primeiros annos do casamento, motivou algumas discordias entre os conjuges.

Depois de tantos annos de infecundidade, ninguem imaginaria que elle pudesse fruir as delicias da paternidade: o mesmo barão já tinha visto extinguir-se no seu coração a esperança de ser pai!

Mas, o homem põe, e Deos dispõe!

Ao finalizar do anno de 1795 vio Anselmo Schindler com verdadeira sorpresa que D. Eleonora, sua mulher, estava grávida, o que foi confirmado por ella. As rixas e desavenças, portanto, que a principio perturbárão a paz domestica dos dous esposos, tinham desapparecido e o barão de Schindler ardentemente suspirava pelo momento feliz, que ia outorgar-lhe a ventura de apertar nos seus braços o futuro herdeiro do seu nome.

D. Eleonora só esperava por este momento

venturoso no mez de Setembro, mas o susto e o pavor que lhe occasionou a tormenta do mez de Agosto, e que tão vivamente fez-se sentir na sua modesta herdade, apressou-o por tal maneira, que tornou-se indispensavel a presença de uma parteira. O medo gelava-lhe as forças, e o espectáculo horrivel dos raios que cahião diante dos seus olhos, fazendo tremer os montes, que quasi desabavão sobre o valle, augmentava o terror que della se havia apoderado. Para cumulo de males, uma chuva copiosa inundára todo o pavimento terreo da pequena habitação, vendo-se Eleonora obrigada a refugiar-se para o sotão, e a abrigar-se na cama da cozinheira.

No meio d'isto, tudo annunciava que era chegada a hora do nascimento do suspirado filho; mais quem em taes circumstancias, havia de ir buscar a parteira, que morava a duas leguas de distancia ?

O barão, corrido da chuva e da borrasca, postou-se junto à cama da doente; a cozinheira aquecia agua para algum caso extraordinario, e Damião, assim se chamava o criado, não tinha ainda voltado de uma excursão, por ordem do barão.

Este já começava a desesperar-se, e bem resolvido estava a entregar Eleonora aos cuidados de Christiana, a cozinheira, e a pôr-se a caminho, quando Damião bateu á porta.

O barão mesmo lh'a foi abrir, e apênas o criado entrou, ordenou-lhe, que fosse a Culmbach procurar a parteira.

Na Allemanha os criados não são mercenarios que vendem os seus serviços a troco de ouro, não; são verdadeiramente dedicados a seus amos, e sabem arrostar todos os perigos, atirar-se a todos os acasos, para que elles não soffrão.

A condição modesta de criados, não extingue-lhes os sentimentos de humanidade.

Damião, portanto, sem redarguir a menor objecção, nem dar a entender pelo mais insignificante gesto que aquella incumbencia lhe era penosa, dispoz-se a sahir assim mesmo molhado como se achava.

Abrindo a porta da casa para pôr-se a caminho, achou-se em presença de uma mulher velha e feia, vestida com trajos os mais extravagantes, a qual, disse-lhe, com verdadeiro espanto para elle, que a baroneza não precisava mais da parteira, pois que já tinha dado á luz um menino.

E, de feito, apénas o barão dera ordem ao criado de ir buscar a parteira, ouviu um grito agudo, e precipitando-se na escada, e galgando o quarto de sua mulher, achou nos braços da criada o futuro herdeiro dos seus brazões ge-

nealógicos, que sem grande difficuldade se apresentára no mundo.

O criado, como que subjugado pela fascinação que sobre elle exercêra a presença da velha feiticeira, nenhuma opposição fez a que ella se dirigisse á escada galgando o sotão, onde apresentou-se no mesmo momento em que Anselmo pela vez primeira apertava contra o coração o tardio fruto do seu hymeneu, o futuro herdeiro da nobreza e pobreza dos barões de Schindler, e tambem (que desgraça!) futuro Philosopho do Cães.

O barão Anselmo vendo a taes deshoras a velha cigana (e de facto era ella Bohemia) teve por primeiro impeto descarregar sobre ella toda a força de sua colera, pela insolencia e sem cerimonia com que ousava penetrar no quarto de sua esposa, e assim te-lo-hia feito, se não fosse lembrar-se da facilidade com que as Bohemias predizião o futuro. Con-

teve-se pois, e pediu á velha que lhe prognosticasse o destino do recém-nato.

A velha advinha retorquio-lhe que, na verdade, era esse o fim da sua visita; que já tinha ella predito o futuro ao avô, ao pai do barão Anselmo, e a este mesmo, que sómente a penalisava terem sido sempre improprios os seus vaticinios; mas que sobremaneira esperava que a sorte sempre adversa á nobilissima familia dos Schindlers, se mudaria então em favor do recém-nascido, cuja apparição tão tardia, era já em si um successo pouco vulgar.

Tomando o menino, examinando-lhe as feições, procurando achar nos traços das mãos algum pharol que a pudesse guiar no difficil caminho da nigromancia, procedendo, emfim, como soem proceder todos esses espiritos que se intitulaõ superiores e pretendem sahir da esphera muito limitada da intelligencia e sa-

ber humano, entregou-o depois ao pai, caminhou silenciosamente para a porta, e disse ao velho barão as seguintes palavras entrecortadas pelos soluços : « Barão de Schindler, ha noventa annos que vivo, e devo a minha vida a vosso avô, o qual generosamente salvou-me da fogueira, a que juizes indignos e estupidos me havião condemnado por feiticeira : em recompensa de sua magnanimidade impôz-me a obrigação de ler, em quanto vivesse, a sina de todos os seus descendentes. Tenho cumprido até hoje com este dever sagrado, ha já tres gerações : meus vaticinios, posto que não tenham sido bons, tem-se realizado exactamente. Apesar de tudo, nunca trepidei em manifesta-los, nunca para isso faltárão-me as forças ; mas hoje, oh barão, peço-vos me dispenseis desse custoso dever, afim de que ao menos possa eu morrer tranquilla, com a satisfação de não ter concorrido para augmen-

tar vossas atribuições, annunciando ao vosso herdeiro um destino fatal.

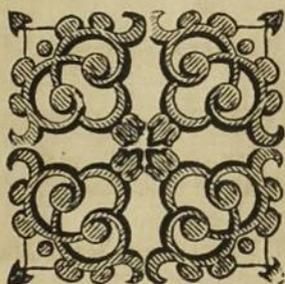
Havia muito sentimento nas palavras dessa mulher, a qual, posto que pertencente a uma raça de homens desnaturados, todavia conservava em seu coração a lembrança dos favores que devia ao avô de Anselmo.

Este, não obstante estar algum tanto assustado pela gravidade com que a feiticeira pronunciava aquellas palavras, e pelo aspecto lugubre que revelavão os seus traços physionomicos, recuperou a tranquillidade quasi perdida, e insistio com obstinação para que a velha ainda aquella vez cumprisse a promessa que solememente fizera ao bisavô do recém-nascido.

Depois de inuteis esforços para subtrahir-se á tão ardua obrigação, a advinha fallou desta maneira :

« Escutai, oh illustre Schindler, vosso filho

nasce barão, um dia será rei, mas, finalmente morrerá doudo e mendigo ! » E após estas palavras desapareceu. Nos capitulos seguintes, verá o leitor como se realizirão aquellas palavras.



gases puros, un dia solo por el momento
muy pronto y muy pronto: y por estas ra-
zones de las cosas, que capitulo segundo
verá el lector como se trata en el capitulo
tercio



CAPITULO II

A mocidade do barão João Adalberto.

 **A**LGUNS dias depois do seu nascimento, foi o recém-nato baptisado, recebendo os seguintes nomes: *João Adalberto Mathias de Schindler*.

Não se pôde colher dos papeis que deixou quem forão os seus padrinhos ; mas como elle ligava summa importancia ao dia em que fôra baptisado, é facil de conjecturar que algum personagem de sangue real assistira a esse acto religioso.

Antes de proseguir no desenvolvimento do presente capitulo, cumpre-nos inteirar ao benevolente leitor de que, pela epigrapha acima « A Mocidade de João Adalberto » se não deve

entender que vamos neste capitulo descrever ou relatar os brincos, os divertimentos do menino barão, e outras cousas quejandas. Além de que estas superfluidades em nada concorrerão para o interesse deste folheto, accresce que mesmo as notas biographicas que á seu respeito legara o nosso Philosopho, são mui falhas sobre esta quadra de sua vida. Seria, portanto, mister, phantasiar, o que sem duvida não pôde convir ao biographo fiel, como nos prezamos de ser. Pôde pois tranquillisar-se o benigno leitor.

A infancia de João Adalberto correu como sóe correr a de todos os meninos barões, principalmente quando elles são os unicos filhos. João Adalberto constituiu-se para com seus pais, um verdadeiro *mimoso*, *um menino de cêra*.

Os pais não se poupavão a cousa nenhuma para satisfazer o menino querido; seus me-

nores desejos erão immediatamente satisfeitos, e não poucas vezes os seus caprichos. Os pais como que sondavão o coração do filho, o qual, cumpre tambem declarar, nunca deu o menor desgosto a seus progenitores.

Uma vez desejando Adalberto possuir um cavallo, o pai, para dar-lh'o, vendeu parte do pomar; e mais tarde, para satisfazer o amor da caça, que elle começava a manifestar, trocou uns prados, que possuia por um bosquezinho, onde havião algumas lebres, perdizes, e mais caça miuda. E assim successivamente. A cada um novo desejo que o menino revelava, correspondia para logo um novo gasto. Ainda com os maiores sacrificios, o pai estava sempre prompto a annuir ás ambições do filho, e nem sequer oppôz a menor resistencia, quando no anno de 1813 resolveu o joven barão que então contava 17 annos, alistar-se nas fileiras militares que a Baviera estava obrigada a fornecer

ao Imperador Napoleão, para combater a Santa Alliança, após os desastres da campanha da Russia; nenhuma opposição, não obstante as grandes e consideraveis despezas que fez, despezas que engulirão o ultimo resto da sua já tão modesta fortuna.

Alistado que foi Adalberto nas fileiras bavaras, chegou a seus pais a noticia, de que elle havia morrido na batalha de Leipzig, noticia que acarretava comsigo a morte de seus pais, vindo depois a saber-se que fôra inexacta. Sobre este successo, o que ha de verdadeiro, é que o joven barão de Schindler fôra na mencionada batalha perigosamente ferido na perna esquerda pelo estilhaço de uma bomba (*), e feito prisioneiro pelos alliados.

Quizerão os fados que o joven Adalberto (já então tenente, depois do primeiro feito

(*) Pessoas que o conhecêrão de perto, tiverão occasião de vêr a cicatriz daquella ferida.

d'armas sob o commando pessoal de Napoleão) fosse, depois de ferido, transportado ao castello dos senhores de Mockwitz-Katzenellnbogen, uma familia antiga e nobilissima do reino da Saxonia.

Nesse castello, para onde fôra sem sentidos, voltou a si, após uma longa lethargia, achando-se entregue á solicitude e aos cuidados da filha do conde de Mockwitz-Katzenellnbogen.

Ermelinda, assim se denominava a joven condessa, empregou todos os cuidados, afim de que o seu compatriota fosse restituído á vida, muito ameaçada.

A mulher é mais caritativa do que o homem, porque os influxos do coração nella predominão mais fortemente; por isso é que os enfermos mais depressa recobráo a saude quando são tratados por uma mulher, visto que os desvellos são incessantes, e depois, as palavras acariciadoras pronunciadas por labios femi-

ninos produzem um encanto que se não pôde definir. O barão Adalberto não tardou pois muito, em recuperar a saude ; e tambem bem pouco tardou que da parte do enfermo e da enfermeira não nascessem sentimentos de reciproca sympathia, originados dessa mesma inevitavel familiaridade, que se derivára da molestia do joven barão.

Estes sentimentos que a principio apenas se poderião presentir, forão pouco a pouco se desenvolvendo, até que afinal, e dentro em breve, se convertêrão na mais ardente paixão.

Assim devia acontecer: o amor é um fogo, cuja intensidade vai sempre lavrando. Ora Adalberto tinha constantemente diante dos seus olhos o objecto do seu amor! Como ser indifferente? Como fechar o coração diante de uma virgem bella, meiga e seductora?

O velho conde de Mockwitz, pai de Ermelinda, não estava, porém, disposto a sancção-

nar com o seu voto o consorcio de sua filha com Adalberto, porque, muito orgulhoso de sua nobreza, e de sua immensa riqueza, pretendia elle casa-la com algum conde, ou mesmo duque, além de que suppunha que tanto mais assim devia ser, quanto é certo que Ermelinda era de uma belleza deslumbradora.

Por outro lado o velho conde era inimigo jurado de Napoleão, e jámais consentiria em dar a mão de sua filha a um homem que houvesse combatido sob as aguias francezas contra a liberdade allemãa, ainda que o tivesse feito involuntariamente, como acontecia a Adalberto. O patriotismo fervia-lhe nas veias.

Ermelinda que, como já dissemos, amava sobremaneira ao joven tenente, reunia suas supplicas ás deste na presença do velho e orgulhoso aristocrata, mas todas essas supplicas erão baldadas. Em vão prometteu-lhe, jurou-lhe Adalberto que iria alistar-se no exercito

prussiano! Esta promessa quebrou-se diante da austera inflexibilidade do conde!

Logo que se soube que o barão estava radicalmente curado, fizeram-o conduzir como prisioneiro para a fortaleza de Magdeburgo, tomada aos Francezes pelos Prussianos. Nessa fortaleza foi o desventurado tenente tratado peor do que os proprios Francezes, até que, graças á providencia, foi sómente em principio do anno de 1815 restituído á liberdade.

A esperança fagueira de que por meio de algum feito d'armas brilhante, alcançaria a mão de sua amada, com quem não deixou já-mais de corresponder-se durante cerca de dous annos, que esteve na prisão, impellio-o a alistar-se nas fileiras prussianas commandadas pelo marechal Bluecher, chegando a conquistar a patente de capitão na terribilissima batalha de Waterloo, da qual teve a felicidade de sahir, como que por milagre, são e salvo,

não obstante expôr-se com verdadeira intrepidez, e o mais denodado valôr ao fogo e ás baionetas inimigas. Era o amor que o arremessava a esses lances de intrepidez!

Logo que entrou com o exercito alliado em Paris, aproveitou-se de uma licença, que lhe tinha sido concedida, para, por assim dizer, voar a Mockwitz, afim de depôr ás plantas do velho conde os louros que cingião sua fronte, porque havião sido ganhos na defeza da patria, e bem assim a patente de capitão; mas, o máo fado perseguia-o por todas as fôrmas, e caprichava em frustrar todos os seus planos de ventura e felicidade!

Chegando a Paris, recebeu a triste noticia, de que o conde havia partido com Ermelinda para Dresde, no intuito de desposa-la com um principe russo, e que a cerimonia do casamento deveria acontecer no dia seguinte.

Demorar-se, seria para Adalberto o mesmo

que renunciar a seu amor; portanto, monta no mesmo instante a cavallo, e correndo como um possesso, chega pelas nove horas da manhã á meia legua de Dresde, aonde o cavallo em que montava cahe exaurido de forças, e afinal expira. Não lhe sendo possível, ainda á custa de avultada paga, obter nova cavalgadura, pôz-se a correr a pé.

Em Dresde, passarão-se muitas horas, antes que descubrisse a residencia do conde, aonde soube que os noivos (Ermelinda banhada em lagrimas) tinham ido, havia pouco, para a cathedral.

Sua paixão guia-o instinctivamente até lá: não caminha, vôa, como uma seta, entra na igreja, penetra no meio da multidão presente, qual outro desvairado, gritando para um e outro lado: « parem! parem! » o verdadeiro noivo já veio! Chegado quasi ao altar, vê que a cerimonia já estava terminada. Era de-

masiadamente tarde! O desditoso amante cahio sem sentidos, e como que fulminado do raio, no meio de grande alvoroço!!

O infeliz Adalberto foi immediatamente levado a um hotel vizinho, mas, ahi recobrando os sentidos, abalançou-se a excessos tamanhos de furor, que foi necessario manda-lo para um hospicio de alienados. Ultrapassaríamos os limites da nossa tarefa, se porventura expendessemos largamente os soffrimentos e as attribuições, pelas quaes passou, e narra-da por extenso na sua biographia

Graças aos desvellos e ao tratamento racional do Dr. Schwarzer, director do hospicio, no fim de um anno os accessos do joven bairão se não acalmando pouco a pouco, mas transformando-se em uma profunda hypochondria.

Durante o segundo anno que teve ainda de permanecer no hospicio, Adalberto pedia livros

sobre todos os ramos das sciencias, e abandonou-se aos estudos com um zelo só igualado por sua anterior paixão, cumprindo assim os desejos do Dr. Schwarzer, o qual tinha fundadas esperanças de que semelhante distracção assaz contribuiria para fazer-lhe esquecer seu malogrado amor.

De feito, a leitura assidua dos livros chegou a combater até certo ponto a melancolia que d'elle se havia apoderado, e sómente de quando em quando era acommettido da mais profunda tristeza.

Finalmente, sendo declarado livre da fatal molestia, sahio do hospicio, e ajudado de um resto de dinheiro, fructo de alguns trabalhos litterarios, a que se entregára nos ultimos tempos de sua estada no hospital. regressou aos patrios lares.

Os infelizes batidos do infortunio, perseguidos por um destino sempre adverso e mesqui-

nho, encontram prazer inefável na apascentação dos sentimentos da natureza.

O infeliz Adalberto, que, ainda tão joven, já tinha bebido até ás fezes o calix das amarguras humanas, queria repousar no seio da terra natal, e mitigar, com a vista da patria, e com as reminiscencias das idéas da infancia, as dôres que requeimavão sua alma atribulada.

Já não era nenhuma novidade para elle que seus pais tivessem morrido, bem como que o pouco que tinham deixado, chegára difficilmente para o pagamento das dividas contrahidas. Ao chegar á terra natal, foi seu primeiro cuidado rever (mal sabia elle que pela derradeira vez!) o vallezinho, aonde vira a luz do mundo.

É facil de imaginar, mas difficil, senão impossivel de descrever, os sentimentos que sem duvida o assaltarão em presença da residencia paterna. Não é difficil conjecturar as dôres

e as saudades que seu espirito experimentava ao contemplar a residencia paterna.... A lembrança dos seus queridos pais, a recordação das caricias maternas, dos desvellos do pai, que adivinhava os seus menores pensamentos, os seus mais extravagantes desejos para satisfazê-los, tudo isto devia naquelle momento solemne pousar-lhe na alma, tortura-la de saudades, requeima-la de attribuições !!

Não entraremos na descripção dessas especialidades, por que principalmente nos occupamos dos factos.

Remataremos o presente capitulo, mencionando o encontro que teve o barão passando por Munich, com um estrangeiro mysterioso.

Dos seus escriptos não se collige com certeza quem fosse esse mysterioso estrangeiro, e muito menos a natureza das relações que entre ambos existirão; todavia, como fallando no dito

personagem, elle o indica por Theo..... P., somos levado a crer que o mysterioso era o mencionado descendente do celebre Theophrasto Paracelso.

Ha depois deste encontro, uma comprida lacuna nos seus escriptos, e sómente no anno de 1821, é que recomeça a continuação dos seus apontamentos.



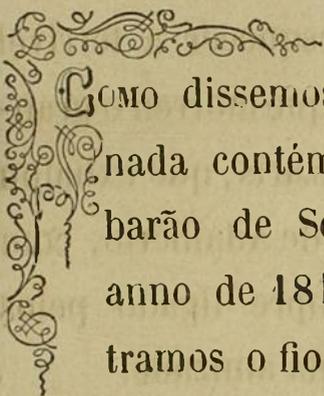
personagem, elle o indica por Theo... P. 20.
nos levado a crer que o mysterioso era o meu-
cionado descendente do celebre Theophrasto
Paracelso.

Os depois desta encontro, uma companhia
facuna nos seus escriptos, e somente no anno
de 1821, e que reconheca a continuacao das
seus apontamentos.



CAPITULO III

O barão de Schindler na Grecia e no Brasil.

 Como dissemos no capitulo antecedente, nada contém as notas biographicas do barão de Schindler relativamente ao anno de 1817 até 1820, e só encontramos o fio da historia do ultimo anno em diante na seguinte exclamação, que se lê nas referidas notas: « Estou na Grecia! »

Elle ou não conta onde passou esse tempo, ou o velho pastor não quiz traduzir a parte que lhe era relativa, talvez por conter segredos da sociedade secreta. Como quer que seja, é certo que em 1821, o Philosopho do Cães achava-se na Grecia, e combatia pela inde-

pendencia dos descendentes de Homero e Alexandre Magno.

Levar-nos-ia longe a descripção de todas as façanhas que praticou na patria de Homero, e das batalhas, nas quaes tomou parte como voluntario.

Comtudo, releva não esquecer a terrivel noite de Missolunghi, em que morreu o grande chefe grego Marcos Bozzaris, que exhalou o ultimo suspiro nos braços de Adalberto, com quem, parece, viveu sempre ligado pelos laços de uma rara e dedicada amizade.

Antes de expirar, o chefe grego recommen-
dou-lhe sua filha, um anjo de belleza, dizendo-lhe que se reputaria feliz, se elle outorgasse-lhe a mão de esposo.

Penelope, a filha do chefe grego, era de uma formosura encantadora, e capaz de fazer brotar no mais gelado coração a mais vehe-
mente paixão; além disso, aos dotes da belle-

za reunia um espirito assaz penetrante e cultivado.

Mas, Adalberto, não podia satisfazer os desejos de seu amigo, porque conservava ainda em seu coração o seu primeiro amor, aquelle amor vehemente que sentira por Ermelinda. O philosoho pera um verdadeiro typo e fiel representante dos sentimentos romanticos que caracterisão a patria de Goethe. Fiel para com o seu primeiro amor, posto que mallogrado, em seu peito não podião ter entrada outros affectos amorosos.

Se, porém, não pôde annuir aos desejos que o amigo lhe manifestára nas agonias da morte, não desamparou comtudo a Penelope; antes, pelo contrario, mostrou em sua dedicação por ella quanto sabia prezar o doce nome de amigo, e não deixou a Grecia, senão depois de ter casado a formosa Penelope com o celebre capitão Colocotroni.

Voltou á Allemanha, mas desta vez com tenção de descer o Rheno, e embarcar-se em Rotterdam para as ilhas occidentaes.

Ora, como naquelle tempo se estavam contratando soldados allemães com destino para o Brasil, resolveu-se Adalberto a seguir para este paiz, que, por todos os motivos, inspirava-lhe o maior interesse, e excitava a geral curiosidade. Para aqui embarcando-se, chegou em 1824 com as primeiras tropas contratadas.

É este o ponto mais interessante da sua historia, porque era no Brasil que lhe estava destinado não só o passar a maior parte de sua vida, como tambem por ser o lugar, onde lhe estava reservada a sorte a mais acerba e iniqua, onde, finalmente devia realisar-se em toda a sua plenitude a tremenda prophecia da celebre feiticeira.

Logo depois de sua chegada ao Rio de Ja-

neiro, partio Adalberto com a tropa para a provincia de S. Pedro do Sul, aonde, passando por as maiores privações, soffria principalmente em consequencia de intrigas de alguns officiaes bisonhos na arte da guerra, e invejosos da sua pericia militar.

As molestias do espirito demandão muito cuidado, para que se não repitão. A ferida moral que Adalberto havia recebido com o mallogro do seu amor não estava ainda absolutamente cicatrisada: qualquer desgosto, qualquer dolorosa impressão podia reabri-la.

As intrigas dos seus companheiros d'arma, suggeridas unicamente por um ignobil sentimento, desgostárão-o extremamente. Cahio outra vez na mais profunda melancolia, separou-se da tropa allemãa, com a qualera-lhe impossivel continuar a conviver, e entranhou-se pelos matos virgens, resolvido a acabar os seus

dias em meio dos selvagens, únicos homens de bom senso, segundo as suas idéas de então.

E quem sabe se erão erroneas estas idéas?

Adalberto tinha vivido no meio de povos civilizados, tinha conhecido a sociedade com todos os seus defeitos, tinha soffrido por causa delles.

Poderia porventura nutrir ainda a esperança de encontrar a felicidade na sociedade civilizada?

Os homens selvagens poderião talvez dar-lhe aquillo que a civilisação negava.

Veremos agora o que lhe succedeu nos matos.

CAPITULO IV

Adalberto feito rei.

 DURANTE quatro dias consecutivos, caminhou o philosopho, reservando para repousar apenas as horas indispensaveis do descauso, nutrindo-se das fructas que encontrava pelo caminho, e ás vezes bebendo sómente a agua das chuvas. Depois de esforços inauditos, penetrou nos matos.

Ahi passárão-se muitos dias sem achar uma fructa : dormindo ao relento, trepado n'uma arvore, muitas vezes fôra despertado pelos uivos de animaes ferozes.

Armado de um formidavel bordão, foi-lhe muito facil evitar as cobras; mas as mordeduras dos mosquitos puzerão-o ao cabo de oito

dias em um estado tão miseravel, que não lhe foi mais possivel abrir os olhos, e, pois, não pôde dar um passo adiante.

Permaneceu neste deploravel estado durante dous dias, e já estava resignado a morrer de inanição, quando de subito ouve um barulho de lianas quebradas á machadadas. Abrindo com a maior difficuldade as palpebras entumecidas, lobriga, como por um véo, umas dez a doze figuras humanas, as quaes avistando, a seu turno, um homem branco estendido no chão, rompem o silencio da surpresa, que a primeira impressão lhes causára, por uma gritaria infernal.

Era a vanguarda de uma tribu em ordem de marcha.

Poucos minutos havião-se decorrido, e o philosopho vio-se rodeado de mais de duzentos selvagens, entre os quaes as mulheres o encaravão com a maior curiosidade.

Sómente mais tarde, quando depois de viver no meio delles alguns annos, já tinha aprendido a sua lingua, soube Adalberto o que meditarão a seu respeito naquella critica occasião os selvagens.

Querião uns abandona-lo á sua sorte, outros mata-lo logo, e outros, finalmente querião leva-lo preso, para só mata-lo por occasião de alguma festividade.

O ultimo partido, que era seguido pela mór parte, foi o adoptado.

Para logo forjãrão uma especie de transporte de páos, lianas e folhas.

Quatro dos indigenas carregãrão-o, embaraçando-se pouco que os espinhos e galhos das arvores ferissem o prisioneiro.

Caminhavão sem descanso.

Aquella gente, porém, não compunha toda a tribu, mas apenas um destacamento, que, apóz uma excursão, recolhia-se á sua aldeia,

se é que o nome de aldeia pôde ser applicado á morada desses selvagens.

Depois de uma ardua viagem de dous dias, durante a qual só se lhe ministrava um pouco d'agua para mitigar a sêde, e orûs matados á frecha, para comer, chegarão enfim ao aldeamento.

É impossivel descrever o alvoroço da tribu inteira á vista de Schindler. Ardião na curiosidade de o ver, e examinar. Dir-se-hia que se achavão em presença de um ente de uma especie nova, ou de uma especie inteiramente desconhecida!

Em poucos minutos, achou-se o Philosopho do Cães cercado de mais de mil homens, mulheres e crianças, que o saudavão com uivos espantosos.

De subito, abre-se o circulo, e um velho indigena de cabellos brancos, arrimado ao hom-

bro de uma moça de cerca de 18 annos, chega-se para ao pé do Philosopho.

Todos os selvagens recuárão com respeito, e apressavão-se, por ordem do velho, a desatar o prisioneiro. O velho mandou-o levantar-se, mas isto foi-lhe impossivel, visto cõmo as cordas lhe havião cortado as carnes, e ferido os pés, de forma a não poder erguer-se. Fê lo depois assentar-se junto de um tronco de arvore, e dirigio-lhe a palavra.

Adalberto Schindler foi completamente tomado de pasmo, e surpresa, quando ouviu ao velho interroga-lo em optimo francez, e perguntar-lhe se era filho da França. O barão, que desde menino conhecia familiarmente o francez, ministrou ao velho todas as precisas informações ácerca de sua vida e pessoa, narrou-lhe todas as desditas por que tinha passado; contou a que familia pertencia, e concluiu, pedindo-lhe com a maior instancia, que

houvesse de permittir que elle acabasse os seus dias no meio dos selvagens, desgostoso, como estava, do mundo civilizado.

O velho na maior effusão de alegria retorquio-lhe :

« Tratemos primeiro de tua saude, e depois cuidaremos de tuas intenções. » E sem demora, dirigindo-se aos circumstantes, fallou-lhes deste modo :

« Meus filhos, este homem é um parente meu, que de muito longe, e arrostando os perigos de longas viagens, e ultimamente de caminhos quasi inaccessiveis, me veio visitar ; respeitai-o como a mim mesmo, porque elle é um grande chefe. Levai-o á minha cabana, para que lhe sejam dados sem delonga os socorros de que carece, visto achar-se totalmente extenuado pela fadiga, e pelos soffrimentos que lhe fizestes soffrer. »

Immediatamente dous selvagens carregarão

Adalberto para a cabana do chefe, onde ficou entregue aos cuidados de Alice, sua filha, a quem os indigenas chamavão *Etitipá*.

Durante os oito primeiros dias que decorrerão (e tantos bastarão para que se restabelesse) disse o velho a Schindler que era elle um francez de Perpignan, que, por occasião de uma excursão nos mattos, tinha cahido em poder daquella tribu; que escapára á morte, graças á intervenção do respectivo chefe, que era um allemão casado com uma indigena. Uma vez que o viver no meio dos selvagens, agradava-lhe, resolvera-se permanecer com elles; tendo-se casado com a filha do seu protector sem que jámais se tivesse arrependido de sua resolução.

Disse mais, que sua mulher, um anjo de doçura, após cinco annos de hymeneo, dera-lhe, uma filha, que era Alice; que, sendo elegido chefe logo depois do fallecimento de

seu sogro, tinha procurado domesticar os selvagens, sem trazê-los em contacto com os europeus, que os perseguirão; que pouco resultado havia colhido dos seus esforços em bem dos selvagens, mas que estes tributavão-lhe respeito, e adoravão Alice, a quem dera uma educação europeia, ensinando-lhe a ler e escrever o francez; e que o que mais o inquietava era pensar que, morrendo, viesse ella a cahir nas mãos de um dos indigenas.

« Abençoô, portanto, disse elle, a tua resolução, meu filho, de permaneceres no meio de nós.

« Poucos mezes serão sufficientes para te pôrem ao facto dos costumes desta gente; como já foste soldado, como tens combatido com intrepidez em varios pontos do globo, não deixarás de com o tempo grangear a estima e a consideração destes selvagens, que mais do que tudo respeitão o valor e a cora-

gem. Morrendo eu, tu serás provavelmente eleito chefe da tribu; e, se não desgostas de minha filha, e ella te tem inclinação, pòdes desposa-la; eu ficarei tranquillo a respeito da sorte de Alice, e tu não te verás constrangido a viver com uma indigena; mas, ao contrario, possuirás uma mulher formosa, espirituosa, docil, com quem poderás conversar relativamente á Europa, á França, patria de seu pai, e a Allemanha, tua terra natal. »

Adalberto, que então teria cerca de 30 annos, estava na força de sua belleza varonil, e certo que não lhe terião sido mister grandes esforços para conquistar as boas graças de Alice, a qual, pelos desvelos com que o tratára, já tinha dado bem claramente a entender a sympathia que lhe tinha elle inspirado.

Mas o coração de Adalberto continuava indifferente a qualquer nova paixão. A imagem de Ermelinda, a lembrança de sua belleza

divina vinha interpor-se entre elle e o mundo.

A constancia assignalava sobre modo o character de Schindler.

Entretanto, sabendo prezar a amizade, e por extremo grato aos favores que lhe prodigalisára com mão liberal o velho de Preux (assim era chamado o pai de Alice), não queria, por fórma nenhuma, que a digna moça viesse a alimentar em seu coração uma esperança que jámais se realizaria.

Procurou, portanto, uma occasião azada para abrir-se com o velho de Preux, e disse-lhe que duvida alguma tinha de aceitar, depois de sua morte o lugar de chefe da tribu; que até a morte protegeria e defenderia a Alice, mas que era impossivel desposa-la, visto que não podia ter-lhe amor, a despeito da sua belleza e encantos.

Não cabe nos limites de um acanhado fo-

lheto narrar o sentimento do velho de Preux, nem a sua admiração pela pureza e fidelidade do nosso barão.

Cabe ainda menos nos limites deste folheto as dôres que atormentarão o coração da joven Alice por semelhante declaração. O seu amor para Schindler augmentava de dia para dia. A mulher, quando vê que as esperanças de felicidade, que idealisção, se mallogrão, como que timbra em augmenta-las. Demais, Alice era indigena, e por isso amava com toda a franqueza da natureza.

Passados dous annos depois da declaração de Adalberto, o velho de Preux morreu.

A tribu acclamou unanimemente para chefe o barão de Schindler. Alice, como parenta, ficou resguardada sob sua protecção.

A paixão da joven para com o novo chefe cada vez crescia mais e tomava proporções taes, que assumião a excesso do delirio:

tambem (e cousa extraordinaria!) quando se observa que uma paixão mallograda poderosamente contribue para as enfermidades phisicas e definhamento do corpo, em Alice o contrario succedia; sua belleza augmentava de um modo inexplicavel!

Neste interim uma conspiração se tramava contra a vida de Adalberto, urdida pelos selvagens, porque entre elles havia alguns pretendentes á mão da formosa Alice, e que forão por ella recusados.

Ora, esses pretendentes attribuião tal recusa á vehemente inclinação, que sentia e manifestava ella pelo joven allemão.

Tinhão resolvido, portanto, envenena-lo.

Entretanto, querendo Alice por todos os meios conquistar o affecto de Adalberto, consultou a uma velha indigena, que gozava geralmente dos fóros de feiticeira, se lhe não poderia preparar um filtro amoroso, para

ganhar o coração do novo chefe. A velha disse que sim, e effectivamente preparou-lhe o filtro.

Um dia, antes de deitar-se, libou Adalberto uma bebida, que achou deliciosa, saporosissima e de um gosto inteiramente particular. Não se sabe se foi o filtro da selvagem feiticeira, se o veneno dos indigenas que pretendião Alice; mas o certo é que, logo em seguida, mergulhou-se no mais profundo somno, representando-se-lhe em um sonho a figura de Ermelinda, já viuva, e ralada de saudades por elle. Erguendo-se do leito, sentio-se como que ebrio, sem todavia perder o movimento.

Depois sobreveio-lhe excitação febril. Alice estava ao pé d'elle: Adalberto tomava-a por Ermelinda, e estreitando-a nos braços, sentirão-se ambos absorvidos pela mais violenta paixão.

Mas, como se todas as furias do Averno porfiassem em persegui-lo, eis que de repente, sahindo da cabana, deita a fugir, qual veado perseguido pelo caçador, até que emfim, inteiramente desvairado, perde os sentidos, e tomba de um despenhadeiro de mais de 50 palmos de altura.

Tornando a si, procurou associar as idéas e reganhar as faculdades mentaes. Foi-lhe impossivel! Em seu cerebro tumultuavão as idéas no maior desalinho e desordem, e as figuras de Ermelinda, Penelope e Alice representavão-se-lhe simultaneamente na imaginação exaltada.

Durou mezes a sua peregrinação nos matos, e Adalberto não receiava senão encontrar-se outra vez com a tribu a que pertencia Alice.

Finalmente, uma madrugada, depois de ter andado durante a noite inteira, vio-se no centro de um immenso cafezal, onde um

allemão, seu companheiro de outr'ora em S. Pedro do Sul, o reconheceu, não obstante seu vestuario indigena completamente despedaçado. Com summa difficuldade, Adalberto teve uma vaga lembrança delle.

Ahi restaurou por um pouco as forças exaustas, graças a alguma alimentação que tomou, e a um confortavel copo de vinho, o primeiro que libou depois de 6 annos.

Restauradas um tanto as suas forças, contou a seu antigo companheiro, mas sempre de modo desvairado, as peripecias do drama de sua vida.

Seu companheiro, attendendo a que 6 annos erão passados que Adalberto estava fóra de commercio com o mundo civilisado, fallou-lhe de umas cartas, que para elle tinhão chegado não havia muito do Rio de Janeiro.

— Cartas! Cartas! exclamou Adalberto.

Cartas de Ermelinda. Onde estão ellas? No Rio de Janeiro? Dizei-me, por caridade.

— Não ; aqui mesmo no Rio Grande, retorquiu-lhe o amigo.

-- Vou busca-las quanto antes, exclamou ainda Adalberto.

— Mas não com tão estravagante vestuario, proseguio o companheiro. Cumpre que primeiro vos prepareis convenientemente, e depois iremos ambos ao correio buscar as cartas.

— Pois sim! continuou Schindler ; quanto o Omnipotente é bom por dar-me cartas de Ermelinda!

Poucos instantes forão-lhe precisos para decentemente trajar-se. Montando a cavallo com seu companheiro, tomárão ambos a estrada que conduzia á cidade.

A inquietação do Philosopho do Cães era immensa, e por extremo difficil de descrever.

A anciedade em que ardia por saber noticias da sua sempre lembrada Ermelinda, era extraordinaria.

Por sua vontade iria voando, se azas tivesse; mas estava condemnado a não apressar o corcel, pois que, ignorando o caminho, não podia deixar de submeter-se á vontade de seu companheiro, que, muito de proposito, cavalgava a passos lentos, para que Schindler tivesse tempo de tranquillisar seu espirito, por demais desasocegado.

Os viajantes chegarão, enfim, ao correio e pedirão as cartas avulsas. Apenas Schindler entrevio duas dellas, exclamou:

— Não, não me enganarão os meus presentimentos; estas cartas são della, são de Ermelinda. De contente saltava, soluçava, cantava, de maneira que os empregados querião tomar-lhe as cartas, julgando que elle estava doudo.

Frederico, seu companheiro conseguiu,

acalma-lo um pouco, e fez com que elle fosse a um hotel vizinho ler o conteúdo das cartas.

Na primeira missiva communicava-lhe Ermelinda que havia enviuvado e que anciosa o esperava para ter a inefavel ventura de desposar-se com elle.

O enlevo que causou-lhe tão grata noticia, tirou-lhe a falla por um quarto de hora. Emfim, abriu com mão tremula a segunda missiva.

Apenas lêra as primeiras linhas, deixou cahir a carta, soltou um grito horrivel, saltou pela janella e desapareceu.

Lendo a carta, que Adalberto deixára, vio Frederico que trouxera ella a noticia do passamento de Ermelinda, viuva do principe russo, e que ella constituiria a Schindler seu herdeiro universal.

O que foi feito da herança, ninguem sabe, mas o Philosopho dizia-se sempre possuidor de fabulosos thesouros.

CAPITULO V

Schindler, o Philosopho do Cães, doudo e mendigo.

REDERICO, depois de haver lido a carta, esperou até a noite pelo barão ; mas, não o vendo apparecer, começou a proceder a minuciosas indagações, afim de saber para onde se teria elle dirigido. Forão baldadas todas as suas diligencias: ninguem absolutamente sabia para onde Adalberto se ausentára, de fôrma que Frederico, perdendo inteiramente as esperanças de tornar a ver seu amigo, retirou-se para sua fazenda.

Annos depois, appareceu Schindler no Rio de Janeiro, trajando um vestuario verde, e tendo na cabeça um disforme boné de couro.

Esmolava por certas e determinadas casas, a cujos moradores tributava sympathia; e, comquanto alienado, não ameaçava o menor perigo a ninguém.

Tinha por costume pedir comida às quitadeiras do largo de Moura, mas não pagava-lhes, ainda mesmo tendo dinheiro.

Dos freguezes certos, aos quaes esmolava, jámais aceitou outro dinheiro, que não fosse em cobre, dizendo que não precisava, pois possuia grossos thesouros.

Entretanto, desde que chegava a amontoar muitos cobres, trocava-os por dinheiro em papel, e trazia-o comsigo embrulhado em um lenço, que sempre continha a sua roupa, que não passava de algumas camisas para mudar.

Assim conseguiu ajuntar uma vez mais de 140\$, os quaes lhe forão provavelmente subtrahidos em alguma das noites, que se habituára a passar em cima do lagedo das igrejas.

Diversas pessoas que se interessavão por elle, rogavão-lhe que fosse jantar em suas casas, porque era dotado de um genio folgassão e summamente alegre, e que assaz contrastava com sua antiga melancolia.

Outras pessoas offerecião-lhe pousada, mas a nada disso Schindler acquiescia.

Vagava de dia e de noite pelo cães do largo do Paço, e foi sòmente nos ultimos annos de sua existencia que algumas pessoas conseguirão, graças á intervenção da policia, que fosse elle comer e dormir em suas casas.

Por occasião da lua crescente, crescia tambem a sua doudice, e muito se inquietava então, quando alguém nesse tempo o incomodava, pois que era justamente naquelle periodo que se occupava em escrever os seus quadernos, nos quaes relatava os acontecimentos de sua vida, fazia a conta dos juros

dos fabulosos thesouros que possuia na Allemanha, e narrava a correspondencia que tivera com grande numero de pessoas, ás quaes fôra ligado por estreitas relações nos diversos paizes, onde tinha residido. Escrevia tambem nos quadernos os dialogos esquisitos que sustentára com quitandeiras, moleques, guardas municipaes, pedestres e outras pessoas que taes.

Deixou-nos outrosim nos seus escriptos uma scena muito comica, e talvez burlesca, passada entre elle e um medico homœopatha, que o queria magnetisar, dizendo que se compromettia a tirar-lhe a doudice por meio da sciencia de Mesmer.

Essa scena, verdadeiramente original e comica, é para provocar a maior hilaridade a quem a ler ou souber.

Imagine o leitor que o pretendido magne-

tisador não tinha mais juizo do que o Philosopho do Cães, e terá comprehendido quanto estouvamento, quanta doudice se teria passado de parte a parte.

A scena do magnetismo seria digna de figurar neste folheto, mas a sua minuciosa e exacta descripção, excederia os limites do laconismo, que nos temos imposto na fiel narração dos factos da vida do celeberrimo e singular Philosopho do Cães.

Para adiante, se o tempo e as nossas muitas occupações permittirem, daremos talvez em um complemento a traducção não só desta peça, como a de todas aquellas que agora omittimos.

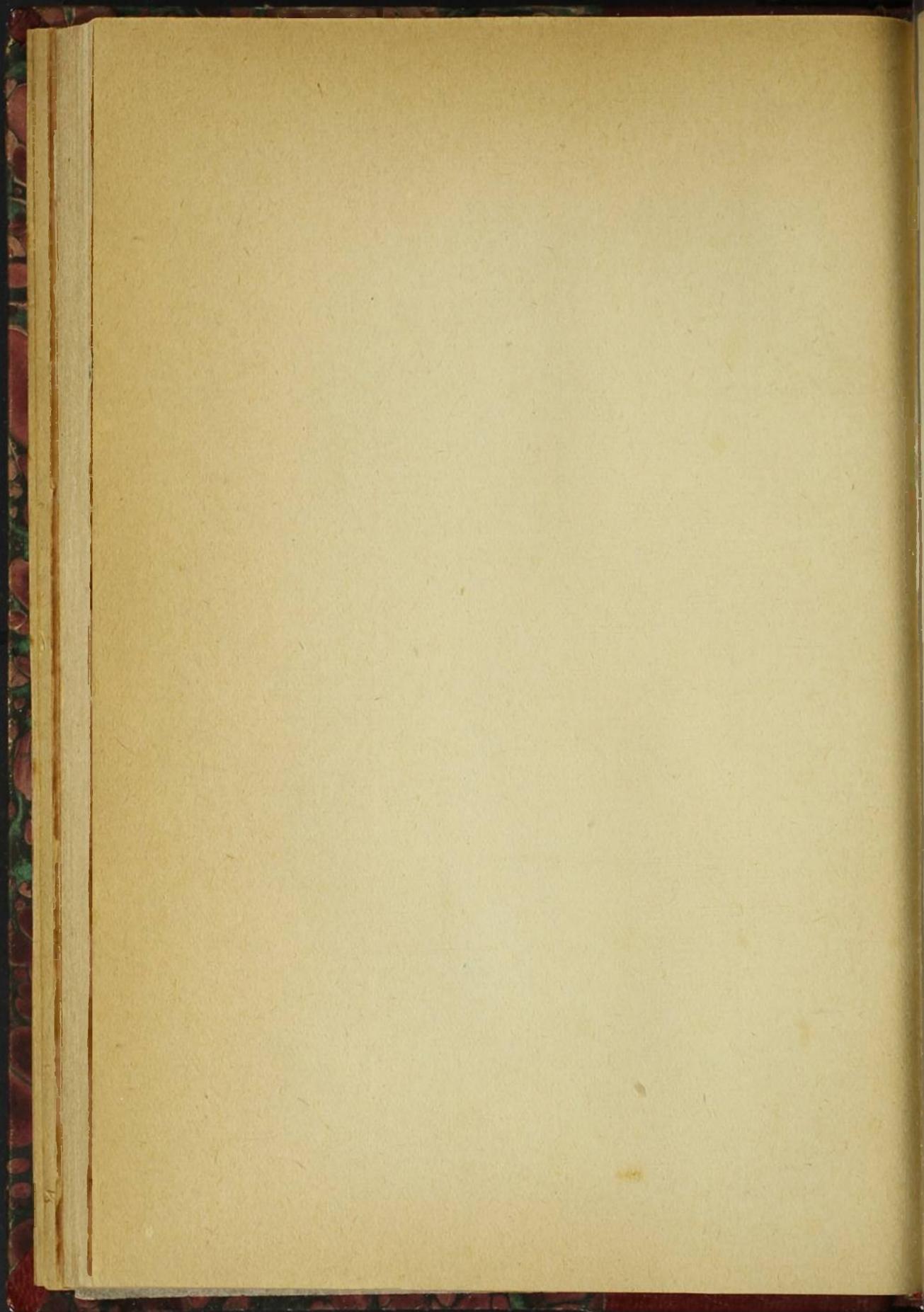
Para terminar o presente opusculo, só nos resta dizer que, adoecendo o Philosopho do Cães no mez de Abril de 1855, de uma terrivel febre typhoide, foi transportado para a Santa Casa da Misericordia, onde falleceu,

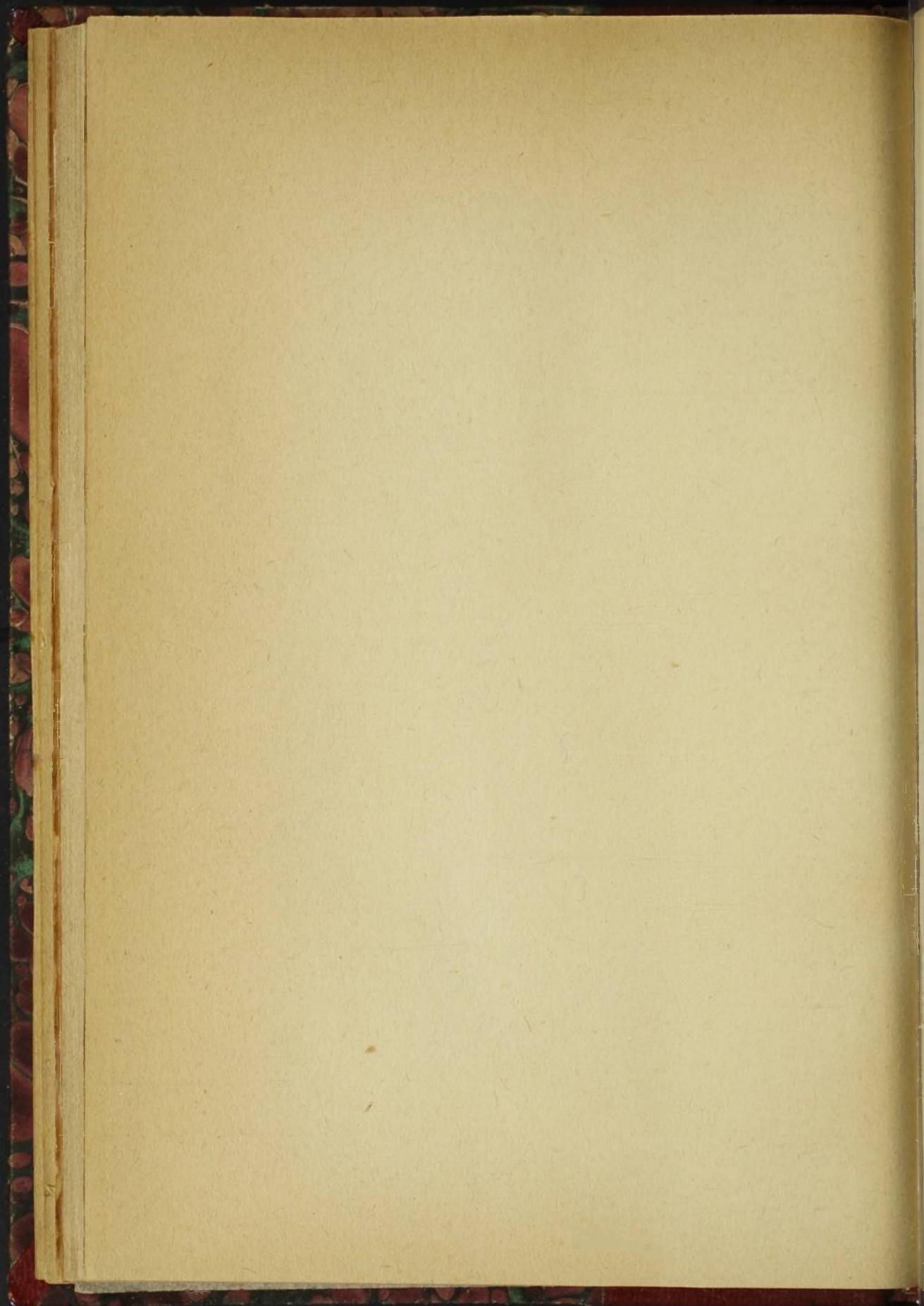
após oito dias de dolorosos soffrimentos, deixando a seus bemfazejos freguezes a profunda magoa de o não terem podido acompanhar ao ultimo jazigo. Ninguem sabe onde foi sepultado, mas sabe-se que a prophecia da velha adivinha plenamente se cumprio.



margin
e,

2-1





010590

